

CLASSIC SILVER UNIPESSOAL, LDA.

A Filigrana chegou-lhe pela mão do pai e ao pai, pela do avô. Tiago, o filho, é o aprendiz da sua arte e haverá de assegurar que o seu legado perdura no tempo.

Eduardo Pereira herdou a oficina do pai num tempo em que seguir o ofício da família era uma questão de honra e nenhuma outra alternativa sequer se equacionava. Com a oficina herdou o cadinho, a rilheira, o tenaz, a panela de fundição, o buril, o cilindro, as tábuas, a fleira, os rubis, o maçarico, o laminador, o alicate, a balança e um sem-fim de ferramentas cujo glossário só um artesão filigraneiro verdadeiramente conhece.

Herdou conhecimento e colecionou memórias imortalizadas numa joia de valor sentimental: um cestinho elegante, faustosamente ornamentado em Filigrana. Está guardado no cofre como o mais valioso de todos os seus tesouros. Foi feito pelo pai que, atento às modas da época que levavam as senhoras a instalarem-se nos centros termais para recuperarem das maleitas do corpo como fizera a Rainha D. Amélia em 1894 quando foi a banhos pela primeira vez para tratar dos problemas físicos que a apoquentavam, criou este cesto como suporte do tradicional copo de vidro ovalado para toma de água termal. Pequeno em tamanho e leve em peso, o copo era, só por si, uma peça sem graça, indigna de ser vista na mão de uma senhora da alta sociedade, mesmo que em contexto termal. O adorno em Filigrana enalteceu-o e distinguiu as senhoras, como sinónimo de estatuto e riqueza. Eduardo nunca o quis reproduzir; só o contempla. É uma joia única no mundo e é assim que continuará a ser.

Dos tempos do pai para hoje, pouco mudou. Eduardo mantém-se fiel ao seu legado, ao seu método de produção artesanal, à sua oficina original. À forja, à rilheira, aos alicates e à infinita maquinaria e ferramentas. Com uma particularidade: tudo é feito a quatro mãos, entre ele e Tiago, como se de uma orquestração musical se tratasse, tocando ambos as cordas do mesmo *Stradivarius*: a Filigrana.

Na oficina, a orquestra de Eduardo tem por base o domínio de um território muito mais alargado: o do silêncio. A melodia da Filigrana não tem notas musicais, mas a sua ancestralidade soa magistralmente! A batuta dá início ao espetáculo. Eduardo e Tiago fundem o metal a alta temperatura e retiram-no para a rilheira com a ajuda do tenaz, fazendo a primeira redução de espessura no trefilador. Conformam a barra na fleira e estiram o fio no rubi para o tornar mais fino que a corda de um violino. Juntos, torcem dois fios à mão e passam-nos entre duas tábuas numa sinfonia perfeita. O cordão que daí resulta é recozido na forja para o tornar mais maleável e fácil de trabalhar. A partir daí, a orquestra entra em crescendo. A armação desenha a joia, mas é o enchimento que a define. Depois da solda, a joia é embutida para lhe dar dimensão e a máquina de esferas dá-lhe o brilho dos holofotes que se espera de um *grand finale*.

Ao toque da batuta do maestro, na oficina de Eduardo a Filigrana é o *Stradivarius*, mas o artesão será sempre o virtuoso.

Textos de Sónia Felgueiras

Encante-se com a história
do Eduardo em vídeo

